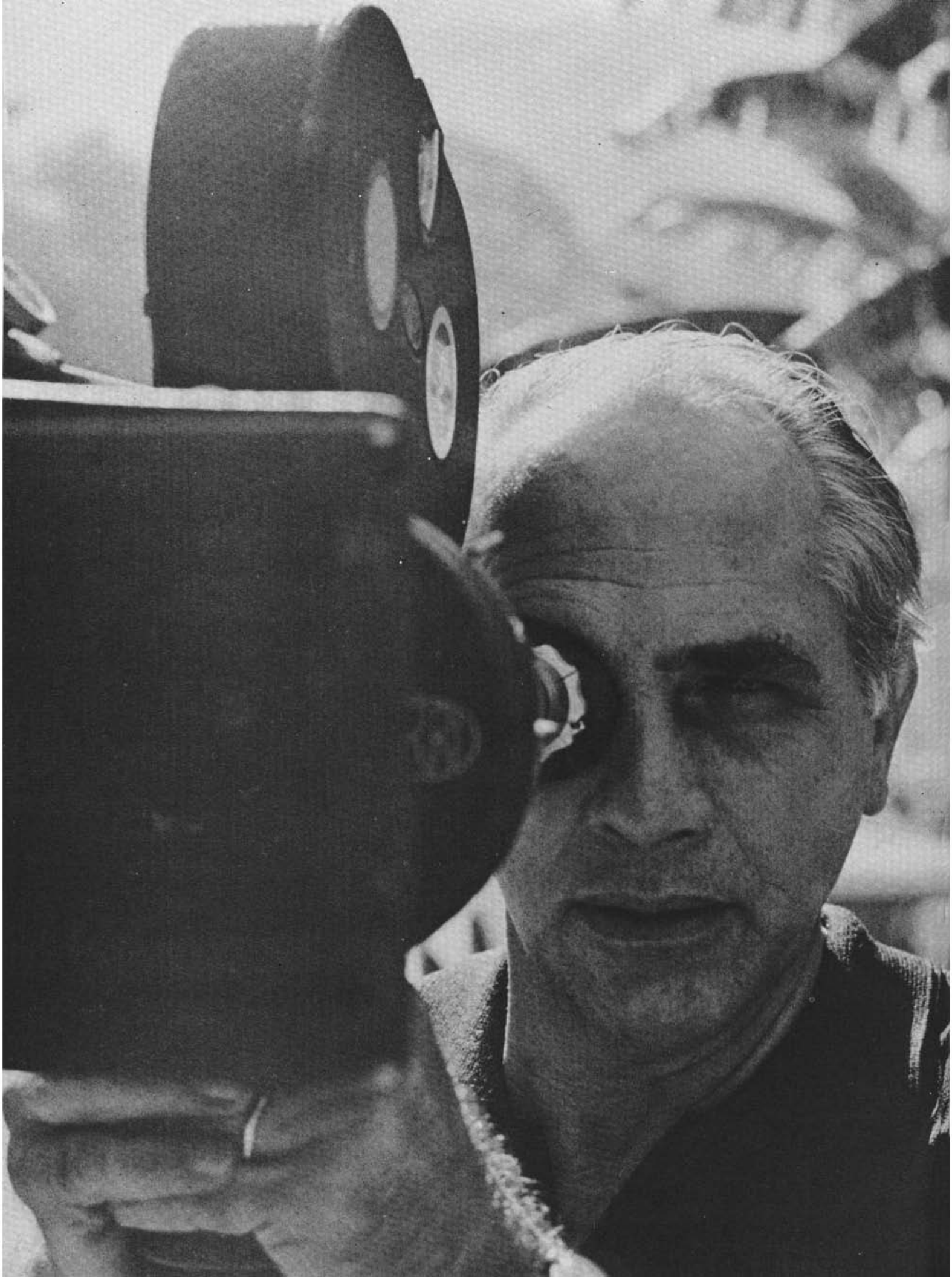


RUY SANTOS EM "CLOSE-UP"

Antonio Rangel Bandeira

Jorge Amado registrou o extraordinário acontecimento: "Certo dia a tempestade nos pegou. Algumas vêzes tenho visto a morte próxima de mim; creio que nunca a vi tão próxima como daquela vez. No entanto, o operador de cinema Ruy Santos ia impávido e filmava, apesar da tempestade e do saveiro ir inteiramente de lado, já semicheio de água e de se ver nos olhos de Passarinho, o mestre do saveiro, aquêle estranho olhar dos marinheiros que pressentem a presença de Iemanjá. O fotógrafo Ruy Santos parecia não ver a morte que vinha com o vento, montada no dorso das ondas do mar da Bahia. As luzes da cidade se acenderam, mas nós não alcançávamos aquêle pôrto que está em frente ao Mercado. Tudo parecia mais distante, o frio do crepúsculo nos envolveu. Ruy Santos parou de filmar, disse:

— Uma beleza..."

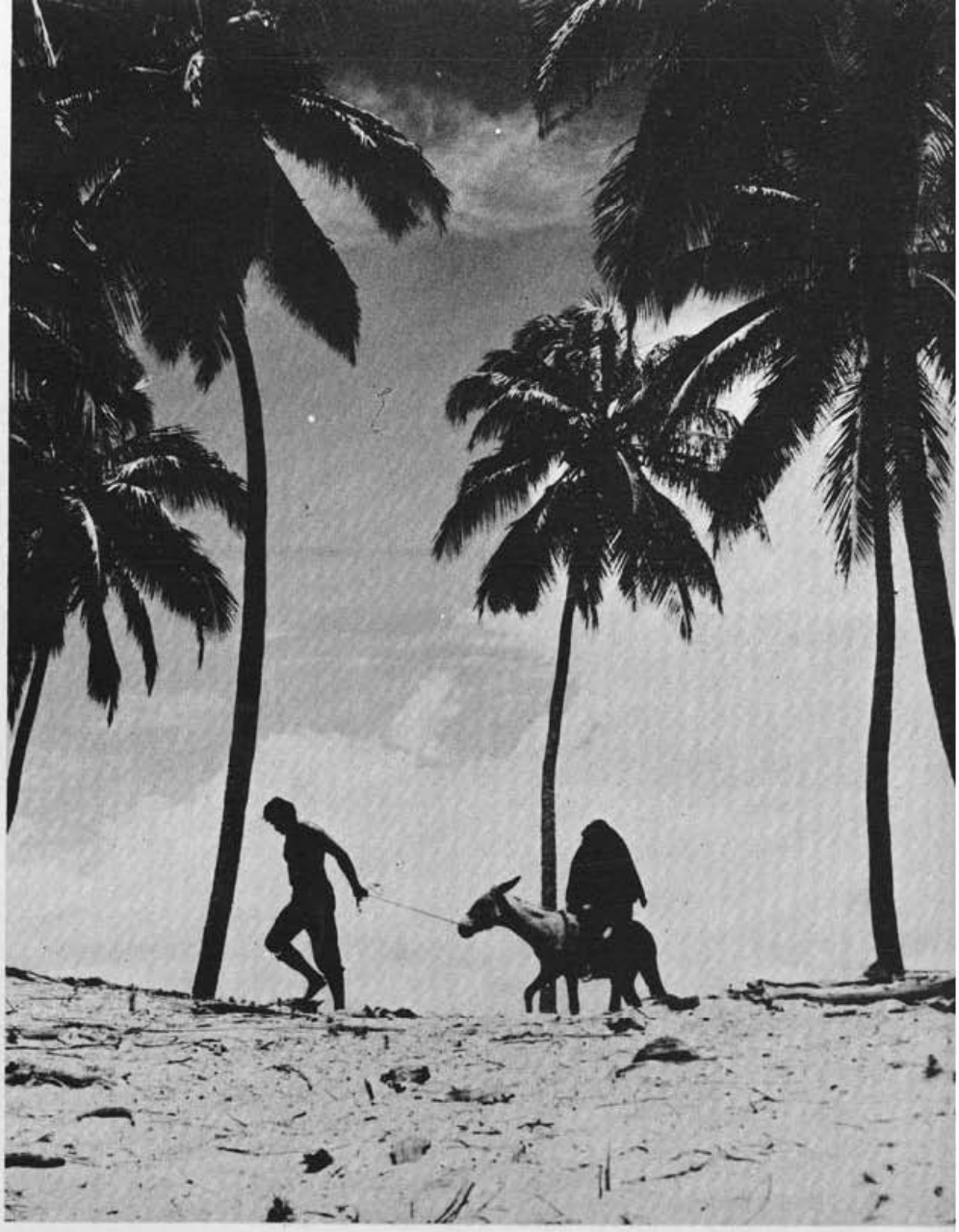
Mais adiante, o romancista comentava: "Um homem e sua vocação". Essa frase pode resumir a carreira artística de Ruy Santos, cedo iniciada com o filme **Limite**, de Mário Peixoto, do qual foi assistente de fotografia. Era o ano de 1931. Ruy Santos, quase ainda um menino, começou já fazendo parte da história do cinema. O cinema era a sua meta; a êle, Ruy Santos iria dedicar tôda a sua vida, através dos vários estágios que prepararam um homem do "métier": assistente de fotografia, cinegrafista-adjunto, cinegrafista, técnico de laboratório cinematográfico, diretor de fotografia, roteirista, produtor, co-diretor e, finalmente, diretor. O documentário foi, inicialmente, o seu campo de ação, em curta e longa-metragem.

Sua invulgar capacidade de "sentir" os ambientes, as coisas, as pessoas, os problemas (individuais ou coletivos) fizeram dêle um dos mais completos documentaristas brasileiros. Sua sensibilidade é de poeta (poucos sabem que Ruy Santos escreve poemas, aos quais consegue transmitir o lirismo, que é a nota marcante de sua natureza artística), seu coração é de artista e seu olhar é câmara cinematográfica. Mas embora sendo um lírico, Ruy Santos jamais deixou de ver o travo, o traço amargo, de certos aspectos da vida brasileira que êle teve de "documentar". No fundo, porém, é um otimista. E no melhor sentido: o de quem acredita na vida, julgando que na determinação de se enfrentar os problemas, já se encontra o caminho de sua futura solução.

Certas dificuldades inerentes à vida do cinema brasileiro e, de um modo geral, pertinentes a todo exercício artístico, retardaram a estréia de Ruy Santos como diretor. Seu primeiro filme de longa-metragem, rodado em 1950, **Aglaia**, ficou inacabado, quando, apenas, faltavam algumas tomadas para finalizá-lo. E o curioso, é que não faltou dinheiro, mas, compreensão, o que impediu que o cinema nacional se tivesse enriquecido com uma obra que teria marcado época. Foi uma pena. Mas, Ruy Santos não é de parar; é de ir para a frente. O coração pode sangrar, mas a vida não espera. O cinema não pode esperar. A estréia de Ruy Santos como autor de filme, só viria a ter lugar em 1965, com **Onde a Terra Começa**, que mereceu de um crítico da categoria de Antonio Moniz Vianna o elogio que o consagra: "Na vigilância e na humildade — e tanto na fotografia como na direção — e logo na estréia como diretor: a vitória de Ruy Santos". O seu "Opus 2", **A Doce Mulher Amada**, de que foi roteirista, produtor, diretor e fotógrafo, apesar de sua dominante "comercial" possui momentos de lirismo de grande beleza, dos mais intensos do cinema brasileiro.

Como cineasta, Ruy Santos reflete a sua sucessão de impactos diante da natureza e diante do ser humano, diante da vida e diante da capacidade criadora do artista: no cinema, na poesia, na música, na pintura. Sua sensibilidade está sempre aberta a todos os horizontes da beleza e da compreensão humana. Com paixão tranqüila e persistência de obstinado, Ruy Santos é um artista de seu tempo e do seu mundo. Um homem e sua vocação.

RUY SANTOS E O JÔGO DA VERDADE



1 — Se tivesse que recomeçar a vida que carreira escolheria?

O cinema. Porque, para mim, foi a forma que encontrei para poder expressar alguma coisa do nosso povo.

2 — Que ator gostaria de dirigir?

Não sei. Temos bons atôres no teatro e que também fazem cinema, mas nem sempre podemos contar com êles. Os níveis de nossos orçamentos são muito baixos para que possamos sòmente pensar nêles. Infelizmente. Mas assim mesmo, eu penso. Penso em Glauce Rocha, numa Fernanda Montenegro, num Paulo Autran. Vejo muito uma Anecy Rocha ou uma Irene Stefânia, quando tenho em minhas mãos um roteiro a ser filmado. Agora mesmo, estou com uma estória para cujo personagem principal penso em convidar o ator Emiliano de Queiroz.

3 — Qual o músico preferido?

Bach e Villa-Lobos. No popular, Caetano Veloso e Chico Buarque de Holanda.

4 — E o pintor?

São tantos os que eu gosto. Portinari, Segall, Scliar, Aldemir Martins, Clovis Graciano, Di Cavalcanti e o bom Pancetti.

5 — E os poetas?

Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Garcia Lorca e Pablo Neruda.

6 — Que personagens históricos gostaria de encontrar?

Eisenstein.

7 — Época e países que gostaria de viver?

Brasil. Nesta época que estamos vivendo.

8 — Tem alguma coisa de sua vida de que deseja penitenciar-se?

Não.

9 — Gostaria de acrescentar alguma coisa à sua vida?

Uma cultura maior sôbre os problemas do mundo.

10 — Tem alguma superstição?

Não.

11 — Qual a maior qualidade humana?

Ser espontâneo — ao dizer ou realizar uma obra.

12 — Qual o pior defeito dos sêres humanos?

Não ter caráter.

13 — Se tivesse de morrer amanhã, que faria?

A mesma coisa, com os mesmos pensamentos.

14 — Que espera da vida?

Contribuir, um dia, com um filme que diga alguma coisa ao povo.

15 — Quando se sente mais feliz?

Saber que amo alguma coisa.

16 — Quais os cineastas que prefere?

Luis Buñuel e Alain Resnais.

17 — Quais os escritores preferidos?

Graciliano Ramos, José Lins do Rêgo e Herman Hesse.

18 — Tem remorsos?

Não.

19 — Sente mêdo?

Às vêzes. Exemplo: ir ao cinema para sentir a reação do público, diante de um filme de que eu tenha participado.

20 — Tem algum personagem que tenha criado ou que tenha conhecido no cinema do qual se sente próximo?

Não, não tenho. Cada pessoa tem o seu mundo e eu procuro, quando posso, me aproximar, penetrar dentro, participar, porque dêle também faço parte.

21 — Julga que já teve a sua oportunidade como diretor?

Onde a Terra Começa (esquerda) e *A Doce Mulher Amada* são, até o momento os dois longas-metragens de Ruy Santos, que prepara uma adaptação do romance "São Bernardo", de Graciliano

Nenhum diretor, no Brasil, teve a sua oportunidade. Cinema é verdade e a verdade nem sempre pode ser dita ou mostrada. Todos nós fazemos concessões. Cinema velho ou cinema nôvo, temos que pensar naquilo que vamos dizer. E, infelizmente, a juventude que faz cinema ainda não aprendeu a linguagem da comunicação, de sua mensagem ao povo. Estamos vivendo numa época de libertação e não podemos ficar presos a influências ou conceitos vindos de fora e que sejam desligados completamente dos nossos costumes e maneira de sentir. Se temos que fazer alguma denúncia, façamo-la com humildade, perante o nosso povo. Quanto mais brasileiro fôr um filme, mais universal êle será. Quanto mais formos autênticos, maior será a contribuição na formação de nossa cultura.

22 — Em que acha que o cinema pode contribuir para a melhoria do ser humano e da humanidade?

O cinema moderno deixou de ser apenas um divertimento. Logo após a Segunda Guerra Mundial, o neo-realismo italiano, um dos movimentos mais importantes de nossa época, mudou inteiramente o conceito estético cinematográfico no mundo. Uma nova concepção de forma e conteúdo, veio dar aos cineastas do futuro, as bases para um cinema revolucionário de cultura e humanidade, uma nova escola. Mas, filmar a realidade, não é algo fácil. As platéias do mundo inteiro estão habituadas a um tipo padrão de cinema, forjado tão-sòmente no espetáculo, sem nenhum significado profundo. Estamos vivendo a fase histórica do cinema, isto é, a da criação — necessàriamente agressiva — no processo da vida e da arte. Hoje, um filme que denuncie qualquer tipo de violência, estará contribuindo para que os povos não fiquem omissos a êsses conflitos que afligem o homem.

23 — Como conceitua a arte?

A característica essencial de uma arte é a liberdade de criação. Ao participar dos acontecimentos, o artista em quaisquer das artes, estará contribuindo para um conceito de arte mais defendido e muito mais humano.

24 — O cinema é uma arte ou uma indústria?

O cinema é antes de tudo uma arte. Contudo, não é assim que pensam os homens que financiam as produções de filmes. O duelo entre o realizador e o produtor se trava exatamente aí, porque o produtor nunca pensa em têrmos de arte e o realizador fatalmente se vê obrigado a fazer concessões para levar avante o projeto de seu filme. A linguagem de um financista nunca é a mesma de um cineasta. Até que um dia possa o cineasta se transformar em produtor de suas próprias idéias, como vem acontecendo não só em outros países, mas também no Brasil. Neste particular, fazemos milagres, pois fazer cinema sério, num país subdesenvolvido como o nosso, é algo estafante, quase estúpido. O cineasta brasileiro luta de tôdas as formas para sobreviver profisionalmente. O cineasta terá que ter muita fôrça para poder jogar nas telas sua mensagem de amor e poesia e da verdade de seu povo.

25 — Qual a sua opinião sôbre a cultura brasileira e a nossa literatura, pintura, escultura, arquitetura, música e teatro?

No conjunto, a cultura brasileira apresenta aspectos dos mais positivos, cuja maior qualidade é o seu senso de renovação.

26 — Julga que o cinema brasileiro atingiu os mesmos estágios criadores das outras artes?

Ainda não, mas vamos chegar lá. Algumas tentativas já foram feitas com sucesso, apesar da falta de estímulo dos órgãos governamentais.

27 — Como encara o papel da crítica?

Importante, quando exercida com honestidade.

28 — E as críticas, restrições que possam fazer aos seus trabalhos?

Francamente, tenho mais mêdo do público do que dos críticos, em relação aos meus filmes. Apesar de, algumas vêzes, ter recebido da crítica brasileira, elogios aos meus trabalhos, seja como fotógrafo ou como diretor, em muitos casos tem havido também alguns equívocos. Tôda a crítica tem sua procedência e importância, quando exercida dentro do contexto da obra que está sendo vista, sem as restrições de caráter pessoal. Razão porque tenho as minhas simpatias por determinados críticos, quando analisam o cinema brasileiro dentro das condições em que êle é feito. É sempre bom não esquecer que somos reflexo de uma realidade nacional, econômica e social. Não podemos fazer milagres, mesmo considerando os prêmios conquistados em festivais internacionais. Excetuando o valor-conteúdo, ainda estamos atrasados tècnicamente. E a crítica não deve ficar omissa aos problemas que um diretor enfrenta em cada filme por êle realizado.

29 — Quais os maiores filmes que já viu?

Cidadão Kane e **Gosto de Mel.**

30 — Qual o melhor filme brasileiro?

Vidas Sêcas e **Deus e o Diabo na Terra do Sol.**

31 — Sua carreira começou em **Limite** de Mário Peixoto; isso foi uma vantagem ou desvantagem?

Só vim avaliar a importância da obra de Mário Peixoto muitos anos mais tarde. Éramos todos muito jovens, quando começamos o filme. O mais velho de todos nós, o grande Edgar Brasil, fotógrafo do filme, tinha apenas 22 anos. Foi uma experiência de muita significação na minha vida artística, tão válida que foi a responsável pela minha carreira como fotógrafo e cineasta, que viria a ser no futuro.

32 — Sendo um cineasta "lírico" a que atribui essa inclinação de sua personalidade artística?

Creio ser vocação. Neste sentido, nada faço planejado. Se algum valor lírico existe em meus filmes é o impacto do momento.

FILMOGRAFIA

LONGA-METRAGEM

1930 — **Limite**, de Mário Peixoto (assistente de fotografia)
1936 — **Maria Bonita**, de Julien Mandel (cinegrafista-adjunto)
1938 — **Alma e Corpo de uma Raça**, de Milton Rodrigues (co-fotografia)
1940 — **Pureza**, de Chianca de Garcia (assistente de fotografia)
1944 — **Inconfidência Mineira**, de Carmem Santos (co-fotografia)
1945 — **24 Anos de Luta**, documentário (produção, direção, roteiro e fotografia)
1946 — **Cavalo 13**, de Luiz de Barros e Fernando de Barros (co-fotografia)
1947 — **O Malandro e a Granfina**, de Luiz de Barros (fotografia)
1949 — **Inocência**, de Luiz de Barros e Fernando de Barros (co-fotografia)
Mulher de Longe, de Lúcio Cardoso, inacabado (fotografia)
1950 — **Estrêla da Manhã**, de Jonald /Oswaldo Marques de Oliveira (roteiro e fotografia)
Aglaia, inacabado (co-produção, direção, roteiro e fotografia)
1951 — **Maria da Praia**, de Paulo Vanderley (fotografia)
1953 — **O Saci**, de Rodolfo Nanni (fotografia)
Balança Mas Não Cai, de Paulo Vanderley (fotografia)
Uma Vida Para Dois, de Armando Miranda (fotografia)
O Craque, de José Carlos Burle (fotografia)
1954 — **O Canto dos Rios** (Le Chant des Fleuves), de Joris Ivens, documentário (direção e fotografia da parte brasileira)
A Sogra, de Armando Couto (fotografia)
1956 — **Três Destinos**, de Vladimir Lundgren e Ricardo Vaz Monteiro (co-fotografia do 3º episódio)
1958 — **O Cantor e o Milionário**, de José Carlos Burle (co-produção e fotografia)
1959 — **Conceição**, de Hélio Souto (diretor assistente)
1960 — **Com Minha Sogra em Paquetá**, de Saul Lachtermacher (fotografia)
1961 — **Meu Destino em Tuas Mãos**, de José Mojica Marins (fotografia)
Amor nas Selvas (co-direção com Konstantin Tkaczenko)
1962 — **Sol Sôbre a Lama**, de Alex Viany (fotografia)
1963 — **Terra Sem Deus**, de José Carlos Burle (fotografia)
Um Dia Qualquer, de Líbero Luxardo (co-fotografia)
1965 — **Onde a Terra Começa** (co-produção, direção, roteiro e fotografia)
1967 — **Mineirinho Vivo ou Morto**, de Aurélio Teixeira (fotografia)
Em Busca do Tesouro, de Carlos Alberto de Souza Barros (fotografia)
1968 — **A Dôce Mulher Amada** (co-produção, direção, roteiro e fotografia)

Luigi Picchi, Mauricio Nabuco, *Onde a Terra Começa*

CURTA-METRAGEM

1936 — **O Rio Trabalha**, de João Tinoco de Freitas (fotografia)
1937 — **Sinfonia da Cidade** (direção e fotografia)
1938 — **Paulo Afonso**, de Julien Mandel (fotografia)
1940 — **Alvorada**, de João Tinoco de Freitas (fotografia)
Norte-Sul (direção e fotografia)
1943 — **Itapoã** (direção e fotografia)
Malária (direção e fotografia)
Dança (direção e fotografia)
Terra Sêca (direção e fotografia)
A Jangada (direção e fotografia)
Vai Começar o Espetáculo (direção e fotografia)
As Missões (direção e fotografia)
A Luta Contra a Morte (direção e fotografia)
Escadas, de Carlos Scliar (fotografia)
1944 — **Debret e o Rio de Hoje**, de Henrique Pongetti (fotografia)
1945 — **Comício** (direção e fotografia)
1952 — **A Casa de Mário de Andrade** (direção e fotografia)
Uma Criança Vem ao Mundo de Joris Ivens (direção e fotografia da parte brasileira)
Santa Isabel do Ivai, de Carlos Alberto de Souza Barros (fotografia)
1956 — **Anatomia do Progresso** (direção e fotografia)
1958 — **A Batalha do Trânsito** (direção e fotografia)
Defendendo Divisas (direção e fotografia)
1959 — **Ouro Prêto**, de Geraldo Santos Pereira (fotografia)
Diamantina, de Geraldo Santos Pereira (fotografia)
Usiminas, de Geraldo Santos Pereira (fotografia)
Erradicação do Analfabetismo, de Geraldo Santos Pereira (fotografia)
1960 — **Criança Sadia — Futuro Campeão**, de José Carlos Burle (fotografia)
1961 — **Cidades Esquecidas**, de Cleyde Fernandes Azevedo (fotografia)
1963 — **Uma História Real**, de Ricardo Malheiros (fotografia)
1964 — **O Pequeno Mundo de Juca**, (produção, direção, roteiro e fotografia)
1967 — **História da Luz é a História do Progresso** (direção e fotografia)
1968 — **Delmiro Gouveia** (produção, direção, roteiro e fotografia)
1969 — **The Ball** (fotografia)